

O Mal como Privação de Unidade em Proclo

Alex Gonçalves Pin*

Resumo

Pretendemos mostrar de que maneira certos princípios da metafísica de Proclo se põem ao serviço da análise do problema do mal de modo que resulte em uma compreensão mais completa. Desde a noção de *parhypostase*, evidenciamos que para este filósofo da antiguidade tardia, o mal é ausência de unidade e não de ser.

Palavras chaves: Proclo, parhypostase, mal, unidade, Uno

Evil as Loss of Unity in Proclo

Abstract

We want to show how certain principles of the metaphysics of Proclo apply themselves to the service of the analysis of the problem of evil which results in a more complete understanding. Based on the notion of *parhypostase*, we show that for this philosopher of late antiquity, evil is the absence of unity and not of being.

Key words: Proclo, parhypostase, evil, unity, Uno

1. Introdução

Pretendemos mostrar de que maneira certos princípios da metafísica de Proclo se põem ao serviço da análise do problema do mal de modo que resulte em compreensão mais completa. Estes princípios, *péras* (τὸ πέρας) e *ápeiron* (τὸ ἄπειρον)³⁸⁰, aparecem ao longo das obras do nosso filósofo e são articuladores da estruturação do real. Mostraremos que a potência do princípio *ápeiron* que está presente em todas as formas da realidade e é princípio de geração de tudo tem o mal por consequência última. Assim, entendemos que a

* Graduado em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (2006 a 2008), graduando em Teologia nesta mesma faculdade. Bolsista do Projeto PIBIC do CNPq. alexgpin@live.com

³⁸⁰ Como há uma diversidade de tradução para esses termos, limite, finito, determinado para o primeiro e ilimitado, infinito, indeterminado para o segundo, manteremos o grego transliterado para o português.

trajetória procliana constitui esforço coerente para explicar o mal, sem responsabilizar o *Primeiro Princípio*, isto é, a instância divina.

Efetivamente, Proclo considera o cosmos um todo ordenado, no caso neoplatônico³⁸¹, significa que a realidade se compõe a partir de um princípio divino, disposto em distintos níveis de acordo com gradação ou hierarquia ontológica, segundo a qual se ordenam as diversas classes de seres que povoam o universo. Para Proclo, o princípio último da realidade, aquele princípio a que tudo transcende inclusive a esfera do ser, é o Uno. A partir do Uno e em decorrência de sua superabundância ou do seu transbordamento procedem todas as coisas; i.é, as esferas que compõem o universo e os seres aí presentes, os quais, por sua vez, se veem degradados ontologicamente à medida que se distanciam de sua causa primeira e podem recuperar sua forma à medida que se volta para o Uno por meio das hipóstases que lhes são anteriores.

2. O mal: a matéria, a para-hipóstase e a providência.

A trajetória de Proclo implica determinar que tipos de existência concerniam à providência e que lugar ocupa em relação aos seres. À medida que trata da questão da providência, nosso filósofo atinge o problema do mal. Trata-se de conciliar a existência do mal à da providência. No que se refere à existência da providência, Proclo não cogita renunciá-la:

“Todos os seres são como eu disse em relação à providência de acordo com a sua classificação [na hierarquia ontológica], mesmo aqueles que estão sujeitos ao devir e não possuem uma existência eterna, uns procedem dela diretamente e eternamente existente, os outros tomam dos seres eternos em seu nascimento³⁸²”.

³⁸¹ Não é o local aqui para definir o neoplatonismo, mas cremos importante indicar que entendemos como o explicou Jean Trouillard: “O neoplatonismo sucede ao platonismo médio no dia em que os platônicos se põem a buscar no *Parmênides* o segredo da filosofia de Platão. Este momento o constitui Plotino com sua teoria dos três unos [as três hipóstases principais: o Uno, o Intelecto e a Alma que correspondem às três primeiras hipóteses do diálogo platônico]. É a doutrina que busca na segunda parte do *Parmênides* o centro gerador do platonismo. Esta definição limita, portanto, a escola neoplatônica ao movimento de ideias que se estende desde Plotino a Damásio, passando por Porfírio, Jâmbico e Proclo, cintando apenas os grandes nomes...”. In J. Trouillard, “Le Parménide de Platón”, *Revue de théologie et de philosophie*, nº23, 1973, P.83. Tradução nossa.

³⁸² “Tous les êtres sont donc, comme je l’ai dit, en relation avec la providence selon leur rang, même ceux qui sont soumis au devenir et n’ont pas une existence éternelle, les uns procédant d’elle directement et existant

Desta maneira, Proclo se volta para a questão do mal e deixa entrever neste os traços atávicos e camuflados que possui do Bem. Dado que, se o mal possui um posto na hierarquia ontológica, ele deve, necessariamente, provir, ainda que em última instância, do Uno. Ao entender o mal como consequência imanente do Bem, visto que não há mal na ordem transcendente, mas tão somente no plano da imanência, Proclo refuta a afirmação dualista dos dois princípios transcendentais e ainda, ao entendê-lo dentro dos parâmetros de sua modalidade poderá encetar como pode a alma individual escapar de sua ação.

A negação da existência do mal, por sua vez, encontra razão de ser na convicção de que tudo o que existe provém do Bem e necessariamente é bom, tal afirma Platão no *Timeu*³⁸³. Por outro lado, a argumentação que afirma a existência do mal encontra sua razão na vida cotidiana, na percepção dos vícios e virtudes da alma, no processo de geração e corrupção a que estão sujeitas todas as coisas³⁸⁴ e também Platão sustenta que os males existem necessariamente³⁸⁵. As duas perspectivas, aparentemente, são plausíveis. Proclo introduz sua posição: reconcilia ambas as posturas e demonstra que Platão não foi contraditório.

Num primeiro momento, Proclo sustenta que o mal é um díptico. Assim como o Bem existe em sua pureza enquanto primeiro princípio da realidade e também em formas degradadas à medida que se prolonga no processo de emanção, também o mal possui aparentemente seu lado puro e seu lado degradado no qual existe mesclado com o bem³⁸⁶. Mas de fato, o mal sem mistura, puro e identificado com o *não-ser* absoluto não existe, ainda que o mal mesclado com algum bem exista. Nesses termos, o mal não consiste em contrário do Bem, entretanto, os distintos males se opõem aos distintos bens. Do que decorre afirmar que o mal é um subcontrário³⁸⁷ e por ser tal, carece de um bem para existir

éternellement, les autres tenant des êtres éternels leur naissance”. De Decem Dubitationibus Circa Providentiam (DDDCP) 20, 1ss.

³⁸³*Timeu* 30a

³⁸⁴*Republica* 608e, Sócrates fala da corrupção como um mal.

³⁸⁵*Teeteto* 176a

³⁸⁶ De Malorum Subsistentia (DMS) 8,9ss

³⁸⁷ DMS 18, 35.

uma vez que só assim toma sua consistência. Portanto, Proclo reconcilia as duas posições apresentadas:

“Todos os seres são bons, portanto, graças ao pai de todos os seres e não há mal senão naqueles que são incapazes de manter-se em um estado de inteira conformidade ao Bem³⁸⁸”.

Os males decorrem, pois, do fato dos seres, em seu afastamento ontológico da causa última, não serem capazes de permanecer em conformidade com Ela. Encontramo-nos diante da questão crucial para o pensamento neoplatônico: o mal é o que acontece a um ser que ultrapassa os limites que impõem sua própria natureza, o que faz pensar em impureza ou mescla de naturezas – remete à concepção trágica do mal como *hybris*. Aqui temos a primeira definição procliana do mal: “O mal é uma (...) natureza que se inclina para o que lhe é inferior³⁸⁹”.

Insera-se aqui a peculiaridade da alma. Com efeitos, as almas são seres que se caracterizam pela capacidade de se elevar até as esferas mais altas ou cair na natureza mortal. As almas que não caem diante das paixões, que não se deixam fascinar pelo que é inferior e se propõem a ascender pela contemplação não serão terreno fértil para a propagação dos males. Contudo, as almas são, por natureza, mutáveis enquanto essência. Afirma Proclo:

“Mas quando uma alma cessa de ter parte na contemplação da realidade e cede à atração de outras forças secundárias que gravitam na esfera do mundo, é para a alma o começo da degeneração (...) e isto é-lhe um mal ainda que na perspectiva do Todo não o seja³⁹⁰”.

Para a alma o esquecimento da realidade última e a ignorância do caminho a seguir são um mal, por conseguinte, a subida para e a assimilação com o Uno é um bem. Contudo, poder-se-ia questionar, se é tão conatural à alma se elevar quanto sucumbir. Ao se degenerar não estaria a alma sendo vítima de algum mal que a atrai, já que o mal consiste em ultrapassar

³⁸⁸“Tous les êtres sont donc bons grâce au père de tous les êtres et il n’y a de mal que chez ceux qui sont incapables de se maintenir dans un état d’entière conformité au Bien” DMS 10,16ss.

³⁸⁹“Le mal (...) se tourne vers ce qui est inférieur” DMS 18,35.

³⁹⁰“Mais quand une âme cesse d’avoir part à la contemplation de la réalité et cede à l’attraction des autres puissances secondaires qui se gravitent dans la sphère du monde, alors c’est pour les âmes le commencement de la génération (...) donc un mal, mais du point de vue du Tout, ce n’est pas un mal”. DMS 23,25ss.

os limites da própria natureza, do lugar que lhe cabe no cosmos? Proclo responde: “*cada ser está naturalmente destinado a se conduzir ao melhor*”³⁹¹.

2.1 Acerca da matéria

Proclo discute e refuta a posição de Plotino acerca da matéria, argumentando que afirmar que a matéria é o princípio do mal implica admitir que o mal tenha existência efetiva, que se conserva como tal independente de outro e que atua sobre os seres o que seria contraditória ao proposto até aqui; i.é, que o mal é impotente, dependente, efêmero. A alma, segundo Proclo, cai e se mistura à matéria em decorrência de sua própria configuração ontológica. A matéria é necessária para que se realizem as possibilidades de existência dos seres³⁹²; não é um bem porque se fosse implicaria ser um fim, o que não se verifica; tampouco é mal, pois se fosse, implicaria ser um princípio oposto ao Bem – o que é inconcebível. Fato é que à matéria implicam males – doenças, vícios – que não se aplicam a alma para a qual implicam males como paixões, ignorância. Evidentemente, o que interessa a Proclo são os males da alma, uma vez que os males da matéria se relacionam com o processo de geração e corrupção a que todo ser sublunar está submetido³⁹³.

2.2 Acerca da existência do mal

O equívoco da alma se deve à debilidade e inaptidão para contemplar o Bem, já os males são consequências de uma miríade de causas fortuitas. As almas que se voltam à matéria são vítimas da impotência, da debilidade e da discórdia interna, atributos que são causas dos males³⁹⁴. Considerando, pois, as características que apresentam os males, sua existência mais parece uma *parhypostase* (παρυπόστασις)³⁹⁵, isto é uma *para-existência*. Devemos

³⁹¹ “*Et em effect, chace être est naturellement fait pour être conduit vers le meilleur et vers la participation à un bien qu’il est fait pour recevoir*”. DMS 25, 22.

³⁹² DDDCP 14,1ss. Nesta mesma parte do tratado, Proclo começa a apresentar a questão da relação entre *péras*, *ápeiron* e o mal.

³⁹³ Republica 608 e.

³⁹⁴ DMS 48, 22-23.

³⁹⁵ DDDCP 27-30. Cf. Timeu 41b 7-8.

definir os males como existentes cujo ser é dado por acidente, pela ação de outro e não a partir de um princípio que os seja próprio.

“E na mistura dos dois [o racional e o irracional, o imaterial e o material, o divino e o não divino] esua relação recíproca, o elemento malassumeuma existência que não é mesmo aqui a principal que é chamada, com razão, parhypostase³⁹⁶”.

Efetivamente, *parhypostase* é uma forma parasitária que para existir se vale de outro ser ao que debilita e corrompe. O mal é, portanto, certa privação de unidade, visto que de alguma maneira toma o ser do qual se constitui em subcontrario, tampouco é completa contrariedade.

2.3 Acerca da providência

A providência é a lei racional que governa o universo, logo, é intrinsecamente boa e está diretamente unida ao Bem. Para conciliar esta tese ao fato da proliferação dos males, Proclo afirmará que “*dizer que Deus é a causa de tudo que existe e dizer que só Ele é causa de tudo não é o mesmo*³⁹⁷”. Com efeito, se o Deus é a instância última, a causa de tudo, toda *hipóstase* inferior é causa da que lhe segue na hierarquia ontológica e cada uma é causa segundo seu próprio modo de ser, conforme se encontra no número 57 dos *Elementos de Teologia*, “*Toda causa age antes de seu efeito e forma depois dele efeitos mais numerosos que os seus*³⁹⁸”. Do que se deduz, um mal só é em relação ao ser particular com o qual se relaciona, mas no contexto universal, por provir do Uno e por reger-se pela lei da providência, é um bem.

³⁹⁶ “*Et, dans le mélange des deux et dans leurs mutuelle relation, l’élément mauvais assume une existence que n’est pas, même ici-bas, principale et qu’on appelle, a juste titre, parhypostase*”. DDCP 30, 20ss.

³⁹⁷ DMS 58,22ss.

³⁹⁸ “*Toute cause agit avant son effet et forme après lui des effets plus nombreux que les siens*”. *Elementatio Theologica* (ET) 57.

Proclo conclui o *De Malorum Subsistentia* afirmando que mesmo os deuses criam o mal enquanto bem, por ter de todos os seres conhecimento unitário, conhecem o divisível sob o modo indivisível, os males sob a forma de bens e o múltiplo sob a forma de unidade³⁹⁹.

3. O mal em relação ao *péras* (τὸ πέρασ) e *ápeiron* (τὸ ἄπειρον)

Para esclarecer e compreender a exegese proposta até aqui, valer-nos-emos dos princípios *péras* (τὸ πέρασ) e *ápeiron* (τὸ ἄπειρον)⁴⁰⁰ que são potências por meio das quais o Uno produz todos os seres, o que se entende melhor se temos em conta que esses elementos constituem a primeira grande teofania do processo criativo de emanção. *Péras* é o princípio depositário de unidade divina que vem à existência a partir da causa incognoscível, é causa de tudo aquilo que é estável, uniforme e que se mantém em seu ser. O *ápeiron*, por sua vez, é a potência geradora de ser, é o ponto de partida da série de geração e princípio de multiplicidade. Nas palavras de Proclo,

“Tudo o que é de alguma forma está composto de determinado e infinito⁴⁰¹”.

Ou ainda,

“Toda ordem de deuses é formada de dois princípios primordiais, o determinante e o infinito. Mas alguns derivam mais da causa determinante, outros da causa infinito⁴⁰²”.

Tanto o acionar de um como do outro são indispensáveis para que o Uno possa efetuar a processão e gerar o universo. Convém notar a maior valorização do *péras* que se deve ao fato de ser o transmissor direto e imediato da mais divina característica: a unidade. Recorrendo a G. Reale, esclarecemos que o nexos *péras-ápeiron-misto* expressa estrutura triádica não apenas de processão da realidade desde o Uno, mas também de toda forma de

³⁹⁹ DMS 61,21.

⁴⁰⁰ Cf. ET 89.

⁴⁰¹ “*Tout ce qui est de quelque façon que ce soit à l’être primordial d’être forme de déterminant et d’infini*”. ET 102.

⁴⁰² “*Tout ordre de dieux est formé de deux principes primordiaux, le déterminant et l’infinité. Mais tal ordre est plutôt du côté de la cause determinante, tel autre du côté de l’infinite*”. ET 159.

realidade particular. Efetivamente, cada ser por sua natureza se aproxima do *péras* e por sua matéria do *ápeiron*⁴⁰³.

À medida que avança o processo criativo vão se degradando cada vez mais as formas de existência, *péras* e *ápeiron*, na geração de realidades inferiores, atuando de modo diferente que como no caso das esferas superiores mais próximas ao Uno. O *péras* conserva em menor grau a unidade dos seres inferiores, para que o *ápeiron* possa produzir com diversidade, o que faz com que sejam instáveis e propensos à dispersão; isto quer dizer que, o princípio que predomina nos seres inferiores é o *ápeiron* ao passo que predomina nos superiores o *péras*. Tanto mais se distanciam, ontologicamente, os seres do Uno, tão mais precária é sua unidade com Ele e tão mais propensos a serem vítimas dos males – mal é afastar-se do Uno.

Ao indagar acerca do mal, Proclo diz que para os males o *ápeiron* vem de causas particulares e para o *péras* de causas universais. Por isso, os males só são assim em relação aos seres particulares e não aos universais para os quais são bens.

Não pretendemos concluir que a natureza dos males seja equivalente ao *ápeiron*. Proclo jamais o admitiria. *Ápeiron* é o princípio⁴⁰⁴ de geração divina e constitui o início do processo de emanação. O que podemos afirmar é que ao chegar às esferas inferiores da realidade, o equilíbrio e a harmonia com que se articulavam o *péras* e o *ápeiron* quando geravam os seres universais, se dissocia e este último passa a reger os seres. Já em sua manifestação primogênita o *péras* é superior ao *ápeiron*; nas hipóstases supra celestes domina o mesmo princípio unitivo que é o mais próximo às realidades divinas. Nas realidades particulares – alma, corpo, matéria –, devido às características próprias que as configuram e à distância ontológica que as separa do Uno, o princípio *ápeiron*, prevalecendo sobre o *péras*, e resulta na queda dessas nas teias dos males, dado que implica

⁴⁰³ REALE, G. *Plotino e o Neoplatonismo*. Trad. Henrique C. L. Vaz e M. Perine. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2012, p. 187-192.

⁴⁰⁴ Temos sustentado o termo princípio porque é o utilizado por G. Moerbeke, mas cremos que o melhor seria falar em *co-princípio* ou elementos.

em impulso ao externo e ao diverso. Contudo, o *péras* permanece presente ainda que relegado à tarefa de mero conservador da individualidade⁴⁰⁵.

Quando as almas que são de natureza inconsistente e que podem tanto se elevar quanto sucumbir se deixam levar pelo princípio *ápeiron*, então, são iludidas pela matéria – que não é e não pode ser fim para nada – e se desagregam na multiplicidade, tornando-se entidades quase ilusórias, fantasmas errantes condenados à desunião e à eterna insatisfação – porque não unificaram. Entretanto, ao voltar-se para o que conservam de divino que é a unidade intrínseca que possuem –*péras* – elevam-se, cumprem desta maneira com seu dever ontológico.

É preciso enfatizar o mundo sensível onde se encontram os corpos e as almas que os animam, é o âmbito de maior grau de pluralidade por se encontrar nas antípodas ontológicas do Uno, origem de tudo. E porque é unicamente neste contexto que se manifestam os males, podemos dizer que a extrema pluralidade que é também extrema possibilidade, que é conduzida pela potência do *ápeiron* é uma das condições *sine qua non* para a proliferação dos males.

4. Conclusão

Para ser mais completo nosso trabalho deveria ter começado por descrever a trajetória de duas obras de Proclo, a saber, *De Malorum Subsistentia* e *Elementatio Theologica*, para só depois entrarmos na questão da relação entre *ápeiron* e males. Entretanto, nos limites de nossa pesquisa, não foi possível realizar essa síntese.

Creemos, contudo, que se pôde, ainda assim, ver que o conceito de *ápeiron*, tal como é apresentado, se relaciona diretamente com a ideia de movimento em direção ao múltiplo que faz com que as distintas entidades saiam em-si e gerem. Tendo presente que o mal consiste, em especial para as almas, em deslocar o olhar para o externo, pelo que se veem

⁴⁰⁵ ET 159 (já citado).

impedidas de voltar-se sobre si mesmas para empreender a via de ascensão ao divino, pode-se entender este desequilíbrio no âmago das almas como um excesso de *ápeiron*. Por outro lado, o fato de que as almas possam reverter este processo extraviado para dirigir o olhar para as hipóstases, demonstra que o *péras* que lhes é intrínseco e que é nelas um vestígio de unidade, também pode prevalecer.

A teodiceia de Proclo é satisfatória e consistente. Deus é a causa de uma ordem boa e perfeita. Os males são uma consequência inelidível e necessária do proceder do Uno até as últimas consequências, até os confins mais retirados da realidade, sem a existência dos quais o todo não seria verdadeiro todo, completo e acabado. É interessante realçar que Proclo não põe em dúvida que os males existam, senão que se dedica com afinco a compreendê-los e a esclarecer seu status ontológico que é como vimos uma *parhypostase*. A facticidade da *parhypostase* dos males no mundo basta para aceitar que o Todo não poderia ser tal sem eles.

Por último, cabe inteirar que os males só são assim para os seres particulares nos quais habitam, pois na perspectiva divina tudo é bom. E mesmo para os seres particulares os males só surgiram em decorrência do distanciamento do Uno, o que nos permite concluir com M. Abbate, “a novidade da concepção procliana de mal é a seguinte: O mal não é negação de ser, senão negação de unidade⁴⁰⁶”.

Referências bibliográficas

ABBATE, M. “Pahypostasis: Il concetto di Male nella quarta dissertazione del Commento alla Repubblica di Proclo”, In *Rivista di Storia della filosofia*, nº 1, 1998.

PLATÃO. *Diálogos I: Teeteto*. Trad. Edson Bini. Bauru: Edipro, 2010.

⁴⁰⁶ ABBATE, M. “Pahypostasis: Il concetto di Male nella quarta dissertazione del *Commento alla Repubblica* di Proclo”, In *Rivista di Storia della filosofia*, nº 1, 1998, p.112.

_____. *Diálogos V: Timeu*. Trad. Edson Bini. Bauru: Edipro, 2010.

_____. *A República*. Trad. Carlos A. Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1976.

PROCLUS. *Trois Études sur la Providence I, Dix Problèmes Concernant la Providence*. Trad. Daniel Isaac. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

_____. *Trois Études sur la Providence III, De L'Existence du Mal*. Trad. Daniel Isaac. Paris: Les Belles Lettres, 1982.

_____. *Éléments de Théologie*, trad. Jean Trouillard, Paris: Aubier, 1965.

REALE, G. *Plotino e o Neoplatonismo*. Trad. Henrique C. L. Vaz e M. Perine. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 2012.